

# As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga

Travels of the personal narrator in Miguel Torga's *A Criação do Mundo*

Vera Lúcia Dietzel<sup>1</sup>

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

## RESUMO

*Com base em exemplos de A Criação do Mundo de Miguel Torga propõe-se, de início, tecer algumas considerações sobre a criação literária, os mitos bíblicos e pagãos, sempre em relação com o caráter autobiográfico da obra. Em seguida, pretende-se estabelecer alguns paralelos com o gênero dos relatos de viagem em particular quanto à Gran Tour e ao exótico. Os jogos de luz predominam nas paisagens portuguesas e brasileiras, enquanto sombras e trevas envolvem a ditadura salazarista, a Europa fascista, assim como a África Portuguesa. O texto sugere, adicionalmente, a perspectiva de um colonialismo português, supostamente positivo no Brasil e predominantemente negativo na África. Resume-se, então, com o legado céptico e pessimista do humanista, e com as inúmeras lições de despedida com as quais o ser humano e o viajante são freqüentemente confrontados.*

**Unitermos:** criação literária, pacto autobiográfico, ditadura, literatura engajada, relatos de viagem, *Gran Tour*, exótico, colonização portuguesa, *A Criação do Mundo*, Miguel Torga.

*O que importa é partir, não é chegar.*  
(Miguel Torga, "Viagem". Câmara Ardente)

## INTRODUÇÃO

O viajar em *A Criação do Mundo*<sup>2</sup> de Miguel Torga (1907-1995) possui um significado central, não só como metáfora para a vida do ser humano neste mundo, como também em sentido concreto, pois as diversas

1 (Doutoranda). Institut für Romanische Philologie. Ludwig-Maximilians-Universität. Ludwigstr. 25. 80539 Munique, Alemanha.

2 Neste estudo, as citações remetem-se à primeira edição conjunta (Coimbra, 1991), em edição do autor. O algarismo romano indica cada um dos dias ou volume (I a VI). Depois da vírgula, aparece o número da página. Esporadicamente, poderão surgir algumas grafias e expressões, pouco comuns aos olhos e ouvidos brasileiros. No esforço de reproduzir fielmente os textos originais citados, não se corrigiu erros, prováveis resultados de revisões menos cuidadosas ou de, quem sabe, erros de imprensa.

etapas da obra estão marcadas por inúmeras partidas e chegadas. As experiências pessoais, as paisagens, as pessoas encontradas no caminho dão testemunho de toda uma época, permitindo entrever o narrador na relação consigo próprio, com a terra natal e com o mundo. O rebelde, declarado ateu, mantém constantes discussões com Deus, o Criador por excelência. Eduardo Lourenço (1995) destaca que o autor *instaurou o seu mito pessoal sob a figura do contestário Job, protesto da universal miséria da condição humana contra o silêncio de Deus ou do Destino* (p. 5). O mesmo autor, ao mencionar *A Criação do Mundo* (seis livros que foram aparecendo de 1937 até 1981) e o *Diário* (de I a XVI, publicados de 1941 a 1993), descreve Torga *espartilhado e partilhado entre essa missão de medium de uma realidade primigénia e tosca e a tentação culturalista, espelho de um mundo complexo e vasto que cedo o deslumbrou [...] sem o convencer, pois também aí Torga descobrirá que o essencial é pão e água e sete palmos de terra* (p. 10).

O simbolismo da linguagem, presente em toda a obra, aponta a vocação para o lirismo. O próprio pseudônimo, *Miguel Torga*, escolhido por Adolfo Correia Rocha, em 1934, possui valor simbólico. *Miguel* traduz sua comunhão ibérica (*existência e essência*) com Cervantes e Unamuno, ao passo que *Torga*, nome de um arbusto retorcido comumente encontrado em Trás-os-Montes, representa o lado telúrico, a resistência de mato, a persistência teimosa. Um filho de gente humilde, cosmopolita e humanista, vai procurando, sobretudo através do trabalho literário, transformar o mundo. E viajar significa aprender.

Escritor não afiliado a nenhuma escola, revela, contudo, influências do Presencismo e do Neo-Realismo (Saraiva & Lopes, 1989, p. 1079-1089). O curto espaço de tempo no círculo *Presença* (de 1927 a 1930) deixou marcas em sua obra lírica, retratando-se no seu inconformismo, assim como no seu empenho em defender o ideal da Arte. Reflexões sobre o ato de escrever e sobre o escritor, assumindo o papel de porta-voz e de guia intelectual da sociedade, profeta, mensageiro de ideais humanistas, todos constantes na obra torguiana, assim como a expressão urbana da realidade portuguesa, permitem entrever marcas do Neo-realismo. Não só foi perseguido por suas idéias contra a ditadura, como foi isolado pela gente de sua terra e pelos intelectuais. Os primeiros acusavam-no de revelar segredos íntimos de pessoas facilmente reconhecíveis nas diferentes publicações; os últimos não conseguiam esconder seu sentimento de superioridade diante do homem trasmontano. O artista, optando pelo caminho solitário, percorre seu caminho aberto a todos e a ninguém. No Prefácio dos *Novos Contos da Montanha* (1991, p. 9-11), Torga dirige-se ao *habitante dos nateiros da planície*, prometendo-se que da leitura da obra nasceria comoção, *compreensão e amor pela sorte áspera* dos irmãos em Trás-os-Montes. Retrata-se amarga e envergonhadamente como representante do *ingrato papel de cronista de um mundo que nem me pode ler*.

Rocha (1977) destaca em *O Espaço Autobiográfico em Miguel Torga* dois impulsos aparentemente contrários: *um progressivo de abertu-*

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

ra para o mundo, e outro regressivo de fidelidade às origens, observando-se a convergência de duas forças - *evolução e permanência* (p. 168). Dessa forma, surge o herói retratado na sua dualidade de ser histórico mas essencialmente uno (p. 168). Gonçalves (1977) fala do centro dramático autenticado pelo centro geográfico, ressaltando que o contestário cronista urbano dos Diários é, paradoxalmente, um homem profundamente empenhado e solidário com os homens da terra onde nasceu (p. 79). Trata-se, na realidade, de uma relação complementar, já que, enquanto o mundo e a vida conduzem às aventuras de novas descobertas, a repetida volta às origens mantém-se como contraponto ou tronco firme de apoio. Ou, ainda, como expressou Cunha Rodrigues (1995): Torga é ao mesmo tempo, um sedentário e um nômada, um ser que elege Agarez como “centro do mundo” mas que parte daí para uma viagem sem fim pelos ciclos renovados da beleza e da vida (p. 83). Ornelas (1992) discorda da tese de Rocha (1977), lendo o texto de *O Segundo Dia* não como autobiografia, mas como romance autobiográfico (p. 153). O próprio Ornelas destaca que Rocha assume uma posição não categórica, concluindo que o texto é mais autobiografia do que romance histórico ou autobiográfico (p. 153). O fato de que, na primeira versão, a personagem principal se auto-represente como um eu anônimo (Mário), parece-me não justificar a polêmica levantada por Ornelas. Diria que se trata de uma autobiografia trabalhada esteticamente como um romance autobiográfico.

Lejeune (1975) define autobiografia como “*récit rétrospectif en prose qu’une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu’elle met l’accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l’histoire de sa personnalité*” (p. 14). Ao nome de Lejeune associa-se o pacto autobiográfico, que permite ao leitor, por meio de um contrato de leitura, acreditar que o narrador-personagem e o autor do livro são a mesma pessoa. Em *A Criação do Mundo*, Torga não se identifica de forma direta como o narrador fictício. Somente em 1984, quando da edição francesa, aparece o nome no prefácio, onde o autor claramente se dá a conhecer como personagem. À parte disso, obras citadas, como *Bichos* e *Diário*, além de poemas, podem ser igualmente considerados como indícios óbvios. Ocorrem as chamadas metamorfoses ficcionais, quando uma figura ou lugar real recebe um nome semelhante ou o de um conhecido (*metonímia nominal* ou *geográfica*) (Rocha, 1977, p. 178 e 250). Torga nasceu em São Martinho da Anta, que metonimicamente aparece como Agarez, um lugarejo vizinho. Também as revistas literárias são rebatizadas: *Presença* em *Vanguarda*, *Sinal* em *Facho*, *Manifesto* em *Sinal* (Rocha, 1977, p. 250-252). Essas pequenas inverdades são permitidas no universo ficcional, além de, quem sabe, representarem o lado lúdico do escritor ou uma forma do autobiógrafo proteger-se a si mesmo e a outras pessoas da descoberta total, embora o próprio Torga afirme que *...ninguém é capaz de se conhecer inteiramente e de inteiramente se mostrar* (V, p. 313).

Tanto o autor de uma obra autobiográfica como aquele de relatos de viagens, dentro das convenções do gênero, asseguram ao leitor que contarão toda a verdade. Já Camões em *Os Lusíadas* assim o prometera: *tudo sem mentir, puras verdades* (Canto V, Estrofe 23, 1988, p. 119). No entanto, não só a obra de ficção é questionada quanto ao seu teor de veracidade, como também os relatos de viagem. Brenner (1989, p. 14) destaca que desde há séculos o viajante consta como mentiroso e o relato de viagem como um gênero pouco merecedor de crédito. Embora o teor de veracidade tenha sua importância, o presente estudo não terá como preocupação verificar se os dados apresentados pelo autor são verídicos ou não. O objetivo principal consiste em determinar o papel e o significado que o ato de escrever e as viagens relatadas possuem para o narrador em sua evolução.

Assim, sempre com base em exemplos do texto, propõe-se, de início, tecer algumas considerações sobre a criação literária, os mitos bíblicos e pagãos, sempre em relação com o caráter autobiográfico da obra (Lejeune, 1975; Rocha, 1977). Em seguida, estabelecem-se alguns paralelos com o gênero dos relatos de viagem (Brenner, 1989), em particular, no referente a resquícios da *Gran Tour* (Ridder-Symoens, 1989) em tempos modernos, desde o ponto de vista de um humanista, além do papel do exótico (Reif, 1989) nos anos da juventude na fazenda do tio rico em Minas Gerais. Os jogos de luz e sombra, em diferentes matizes e intensidades, percorrem todo o livro. O texto sugere, adicionalmente, a perspectiva do colonialismo português, supostamente positivo no Brasil e negativo na África, um tema que merece ser aprofundado, mas que, no âmbito do presente estudo, recebe apenas pinceladas gerais.<sup>3</sup> Resume-se, então, o que o eu-narrador revela ter aprendido e descoberto para si e para a posteridade, finalizando com as inúmeras lições de despedida com as quais o viajante é freqüentemente confrontado.

## CRIAÇÃO LITERÁRIA E METAFÓRICA BÍBLICA. AUTOBIOGRAFIA E RELATOS DE VIAGEM: VERDADE E FICÇÃO

*A Criação do Mundo* é uma metáfora fundamentada no mito bíblico. O escritor, criado à imagem e semelhança de Deus, cria o mundo e a sua própria vida através da obra literária. Segundo Rocha (1977), o título apresenta uma imagem torcida do mito bíblico, já que não é Deus aquele que ocupa o centro da criação, mas o homem. Explica que já na epígrafe, a citação do *Gênesis* (*Tomou pois o Senhor Deus ao homem, e pô-lo no paraíso das delícias...*) aponta para a versão antropocêntrica, convidando a concluir: *...e o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, retomou a criação divina, criando em seis dias o seu próprio mundo, no fim dos quais descansou* (p. 153-154). Lourenço (1995) afirma, argumentando dentro da mesma linha interpretativa, que *o mundo de Torga é um mundo lírico e épico de que ele, e ele só, é o Criador e a Providência* (p. 7).

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

3 Moreiro (1996) inclui no apêndice de *Miguel Torga e África* uma “Cronología de la descolonización portuguesa y sus precedentes” (p. 149-156).

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

4 Cunha Rodrigues (1995) propõe *uma compreensão simultaneamente estática e dinâmica* das representações da justiça em Torga: *a justiça observada e a justiça recriada. Por um lado, a recolha de apontamentos que têm por objecto a justiça como valor; por outro, a espectacularização da justiça como "teatro do mundo"* (p. 14).

Em uma edição completa com todos os seis volumes, *A Criação do Mundo* oferece uma possibilidade de análise e de recepção diferentes daquelas referentes a publicações esparsas e isoladas, no decorrer de mais de cinquenta anos. A autobiografia surge em combinação com outros gêneros literários, como os relatos de viagens, cartas, ensaios sócio-históricos, auto-retratos. A vivacidade dos diálogos e as cartas, especialmente nos dois primeiros livros, reforçam o colorido local. Esporadicamente, poemas convidam à reflexão. A composição e a variedade de temas refletem a complexidade do vivido e a versatilidade do escritor-narrador. Inovadora foi, na época, em Portugal, a aplicação da técnica cinematográfica ao romance. Torga não escreve de maneira linear: após um episódio ou fragmento, há visualizações retrospectivas, sem que o texto, com isso, perca em coesão e coerência. Cada uma das fases do fazer literário corresponde, igualmente aos esforços de adaptar-se, de superar os desafios, lutando por um mundo melhor, denunciando injustiças.<sup>4</sup>

*Os Dois Primeiros Dias* (1937) comporta os anos desde a escola primária até os seus 13 anos, incluindo a viagem ao Brasil (1920-1925). *O Terceiro Dia* (1938) vai dos 17 até os 30 anos, tempo em que completa os três ciclos do liceu em três anos, estuda medicina e, formando-se em 1933, virá, de início, a exercer a profissão em Vila Nova e em Leiria. *O Quarto Dia* (1939) concentra a época de dezembro de 1937 até janeiro de 1938, quando viajou pela Espanha franquista, pela Itália de Mussolini e pela França, voltando, apesar dos perigos de repressão, a Portugal. Imediatamente é preso pela P.I.D.E. e encarcerado no Aljube. O livro, proibido durante 32 anos, só veio a ser publicado em 1971 (Offenhäuser 1991, p. 11). *O Quinto Dia* (1974) engloba de 1938 a 1940, descrevendo as atribuições do escritor em Leiria como médico e ainda vítima do sistema, devido a atividades de divulgação de idéias subversivas. A partir de 1939, fixa-se, definitivamente, em Coimbra. Em *O Sexto Dia* (1981), denuncia continuar sendo vítima da repressão, mesmo depois de ter sido posto em liberdade. Reflete sobre a fase final da ditadura salazarista e sobre a política colonialista portuguesa na África, além de abarcar os esforços de democratização que viriam a culminar na Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974. O desfecho de cada uma das diferentes fases anuncia a procura de novas descobertas, reforçando-se o firme propósito de continuar a luta pela liberdade (Gonçalves, 1977, p. 83-91).

O autobiógrafo espera que Deus lhe conceda dias, meses e anos em quantidade suficiente para, primeiro, viver, experimentar, descobrir e, depois, registrar, literariamente, os resultados. Deus contemplou ao final de cada dia o que fez e viu que era bom. Torga leva seu trabalho muito a sério e como ele próprio diz: *Um escritor deve estar disposto a morrer por seu livro* (Offenhäuser, 1991, p. 10): um jogo intertextual com O Senhor, que enviou seu próprio filho para nos salvar. Choca, de certo modo, a afirmação de que *tinha que reconhecer sem subterfúgios que, depois de publicados, os livros deixavam de me interessar* (V, p. 347). Terrível é a implícita analogia com um Deus, que, depois de ter criado o mundo

e o homem, já não se interessaria pelo que viesse a acontecer. A sugestão blasfemadora é a de que o mundo se encontra nessa precária condição, porque o seu Criador, da mesma forma que o escritor, tragicamente, não interfere em nada, não muda nada.

Enquanto a criação de Deus aí está para ser admirada gratuitamente por todos, o escritor, impossibilitado de dar um final feliz a todas as narrativas, luta contra a censura, dependendo, adicionalmente, das estratégias de mercado para sobreviver. Enquanto Deus pode pôr e dispor do tempo (e na Bíblia o dia é uma medida relativa), o homem, em maior ou menor grau, é escravo do relógio. De uma forma ou de outra, o escritor, sendo homem e criador mortal, é repetidamente confrontado com a limitação de seus poderes.

Rocha (1977) vê no *duplo eixo da resistência contra a opressão e a libertação do poder divino* a expressão da tentativa do narrador em primeira pessoa de enriquecer sua auto-imagem, restabelecendo a sua relação com a realidade histórica de opressão do regime ditatorial:

A imagem do Todo-Poderoso, na Criação do Mundo, desdobra-se na figura de Deus e na do regime ditatorial. E assim é que a luta pela libertação divina, que abre caminho a uma criação egocêntrica do mundo, encontra eco na luta contra a tirania política, que dá lugar a um protesto corajoso e a uma descoberta da liberdade íntima.[...] Seja como for, é sempre a tensão entre o homem acordado e rebelde e as forças opressoras que se repete (Rocha, 1977, p. 239-240).

Diante de obras imortais de beleza e de arte, o narrador é suficientemente honesto e corajoso para reconhecer sua pequenez de ente mortal. Um desses momentos é vivido em San Pietro in Vincoli, na Basílica *Eudossiana*, ao deparar com a *Statua del Mosè* de Michelangelo:

Nunca uma criação humana me abalara tanto e tão fundo. O velho patriarca da *Bíblia* das fiadas, que a meninice só brumosamente conseguira imaginar a receber das mãos de Deus as Tábuas da Lei no alto do Sinai e a passar a pé enxuto o Mar Vermelho, estava diante de mim mais real do que se o visse em carne e osso. Outros momentos tivera já de sísmico abalo interior. [...] Mas nenhuma emoção comparava à de agora, única em tudo. Era um assombro de mortal diante do imortal. A estátua dava-me a impressão de estar mais viva do que eu. Os olhos de visionário refulgiam nas órbitas, o sangue impetuoso de lutador corria nas veias, as barbas ondulavam batidas pelo vento do deserto (IV, p. 263-264).

Por um lado, admira o poeta a estátua de Moisés como expressão mímica da realidade, pois o velho patriarca parece estar vivo diante dele. Por outro lado, Moisés representa aquele escolhido por Deus para lutar pelo povo de Israel. Dotado de poderes especiais, liberta os judeus dos egípcios e consegue que o Mar Vermelho se abra no momento exato. O narrador, tomado de fortes emoções, associa imagens das aulas de catecismo, unindo o pessoal, efêmero, ao universal, eterno. Esta cena revela, assim, um fenômeno de identificação no desejo de realizar grandes feitos, como o de contribuir para a libertação de um povo oprimido. Os por-

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

tugueses, ao contrário dos judeus, não estão à procura da terra prometida, mas as conseqüências catastróficas da ditadura salazarista, a isolamento e a precária condição agrária estimulam sonhos de leite e mel. Só que, enquanto Moisés dá provas absolutas de obediência a Deus, o rebelde português recusa-se a aceitar, passiva e resignadamente, as estipulações divinas.

Por mais que o escritor queira levar em consideração notas tomadas *in loco*, retomando a perspectiva do menino em Agarez, do jovem no Brasil, do estudante de medicina em Coimbra, do jovem profissional na Europa às vésperas da Segunda Guerra Mundial, assim como, mais tarde, revisitando lugares, não pode existir uma correspondência total entre imagem mental, referente e expressão. Conseqüentemente, a personagem autobiográfica passa por um processo *que se inicia com a apreensão dum mundo real e termina com a construção dum mundo fictício (embora o único verdadeiro na sua perspectiva individual)*, ou seja, *a narrativa autobiográfica é permeável à actividade de refundição* (Rocha 1977, p. 150 e 261). Torga, consciente do processo e do conflito, utiliza a função metalingüística da linguagem para expressar uma elevada auto-crítica e a eterna insatisfação do ser humano:

A percorrer de novo as estradas de França, esse sentimento doloroso da ambigüidade do literário, da artificialidade inevitável que havia em cada página, agravou-se mais ainda. Já sem falar nas mil prudências e cautelas da voz interior que as ditava — mau grado o consciente esforço de escancaramento das portas da intimidade —, as frases que ia lançando ao papel tornavam-se postiças e convencionais só pelo facto de serem formuladas. O ângulo escolhido para as começar, o arranjo gramatical que vinha a seguir, a selecção e monda dos vocábulos roubavam-lhe toda a verdade. O que fora dentro de mim tumulto e turbação, adquiria nelas compostura e claridade. E a alma sentia-se ali caricaturada (IV, p. 276-277).

A arma do escritor é a escrita e o narrador volta sempre ao reconhecimento de que, apesar de todos os esforços, não se pode dar por satisfeito: *...só me restava a dignidade de ser lucidamente um eterno aprendiz. [...] Ao cabo de alguns anos de tarimba literária, continuava canhestro, enrodlhado, hesitante, atado como nos primeiros tempos [...]* (V, p. 325-326).

Um fato que pode ser encarado como coincidência, mas que ao leitor não passa despercebido, é a prisão que vai ocorrer em 1940, quando o narrador (e Torga) atinge a idade de Cristo ao ser crucificado. Outra metáfora claramente explorada pelo escritor que fala da *crucificação literária* (V, p. 342), muitas vezes interpretada como falta de inspiração, traduzida na dificuldade de transformar pensamentos e sentimentos em palavras e, sobretudo, no desafio da tarefa imposta de não silenciar, de denunciar, se necessário:

Ah, a linguagem absoluta do silêncio! Mas começava aí, precisamente, a crucificação do escritor. A paz da mudez era-lhe vedada. Galeriano do verbo, servidor de expressão, tinha de sofrer nela o martírio da sua própria incomunicabilidade (IV, p. 277).

A metáfora da crucificação estende-se à vida, onde a felicidade é só ilusão. Na prisão, em dia de Natal, um soneto inspirado na *Pietà* já antecipa na feliz mãe do menino Jesus a *Mãe dolorosa* (V, p. 381) da Semana Santa. Apesar de suas experiências negativas com o Portugal sa-lazarista, ainda que conheça a que perigos se expõe, não hesita em voltar. Consoladora, dentro do contexto das atribuições humanas é a seguinte passagem: *Essa lição, pelo menos, aprendera já: — que havia es-píritos indomáveis que nenhuma força vergava, e que, no plano dos va-lores humanos, ninguém está sozinho no mundo, por mais isolado que pareça* (V, p. 365).

Ao povo português em si associam-se imagens tanto de imolados como de imoladores. Aqueles que rompem o círculo vicioso da pobreza e da opressão constituem a exceção. O posicionamento do escritor, em especial no que se refere à política mundial, quebra com as leis históricas lógicas do materialismo dialético, evocando a perspectiva humanista renascentista do progresso histórico. Assim, a roda da fortuna segue o seu curso, lançando formas sociais altamente civilizadas de volta à barbárie. Os corajosos, heróicos portugueses de *Os Lusíadas* transformam-se em gananciosos colonialistas opressores: *A pequenez presente atingira tal grau que perdêramos o sentido da própria grandeza* (VI, p. 490). O passado de triunfadores parece ofuscar erros cometidos tanto no passado remoto como no recente, revelando que nenhuma análise é totalmente lúcida e neutra. O ser humano é sobretudo um ser habitado e perseguido por contradições. Agarez, em plena era capitalista, ainda vive em relações feudalistas ou nos primórdios do capitalismo. Os camponeses podem, teoricamente, comprar terras, mas, na realidade, jamais conseguem, através do trabalho honesto, acumular capital suficiente.

A ambigüidade do literário não se limita à expressão dos sentimentos íntimos, estendendo-se aos relatos de viagem, que, segundo a expectativa do leitor, deveriam conter somente as chamadas informações factuais. Brenner (1989, p. 31) argumenta que a questão da veracidade nos dias de hoje já não possui a mesma relevância, uma vez que um grande número de pessoas está em condições de averiguar por si mesmas até que ponto os guias de turismo lançam mão da retórica laudatória a fim de vender seus serviços. O narrador-personagem, porém, transmite a sua perspectiva singular, parecendo saber exatamente o que pretende de suas viagens, ainda que não discorra a respeito dos métodos de preparação e não esconda o seu medo diante do desconhecido. Viaja, algumas vezes, levado pelas necessidades da vida, outras por deliberação própria.

Ornelas (1992) considera que o *cronótopo do caminho* (Bakhtin, 1981, p. 243-244) *começa a desempenhar um papel mais sobressaliente na estrutura da narrativa e também na caracterização do personagem a partir de sua saída de Portugal* (157). Sim, o caminho para o Brasil é mais longo, mas desde as primeiras páginas há uma série de caminhos importantes: o da escola, o da igreja e das procissões, as aventuras de meninos nos campos e nos montes, descobrindo a si e aos outros, além

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.



DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

da fauna e da flora. Ornelas (1992, p. 163) considera a viagem ao Brasil decisiva para a tomada de consciência do narrador de que seu *eu privado* pode interferir no *espaço público e vice-versa*. Ao recusar a “ordem” do tio de dançar com dona Candinha no navio de volta de Portugal, *sela o fim da servidão do Morro Velho* (p. 129). Conclui que a personagem toma *uma atitude de inconformismo, insubordinação e rebeldia*, tornando, assim, possível o estabelecimento de uma *correspondência entre uma identidade pessoal e uma identidade social* (Ornelas, 1992, p. 166). Creio, porém, que as decisões de ir e sair do seminário, de trabalhar no Porto, de não querer ser criado de ninguém, procurando incansavelmente novos caminhos, indicam que a conscientização existe desde o princípio do livro. De volta a Portugal, já não necessita do emprego dos tios para sobreviver, mas não pode ultrapassar certos limites, pois é o tio que irá pagar-lhe os estudos. O que muda com a volta do Brasil é que já não é uma criança, tendo alcançado uma maior auto-confiança no tratamento com pessoas das mais diferentes classes sociais. Não encontrara o grande amor, mas a timidez relativa ao sexo oposto diminuía. Muitos anos passarão até que venha a fazer da fidelidade sua premissa. A ditadura salazarista e o momento de sua prisão virão selar definitivamente sua escolha de uma identidade pessoal, comprometida com a luta social e com a justiça. A rebeldia política toma, então, formas diferentes dos conflitos com a tia, pois *só a não desmascarava por instinto de defesa* (p. 90). Com a repressão, não há como se defender.

## BRASIL EXÓTICO

### Filho rebelde de uma terra de conformados

Tudo começa em Agarez. O menino inteligente já percebe, bem cedo, e, em especial, na escola, que nem todas as crianças são tratadas da mesma forma:

Apesar de ter feito exame, enquanto [Albertino] esperava a carta de chamada da Venezuela vinha até à escola para não esquecer o que aprendera. De alguma coisa lhe valia ser filho do senhor Valadares, secretário aposentado da Câmara [...] (I, p. 22).

Logo o leitor saberá que a figura principal tem uma enorme força de vontade, não se dá por vencido e não se deixa sujeitar:

— Quem é pobre, filho, tem de se sujeitar. Que havíamos de comer todo o inverno?  
— Eu cá não sou para sujeições! — declarei.  
— Então, não fiques aqui (I, p. 37).

Ao contrário da gente de sua aldeia, o narrador recusa-se a resignar-se. Descreve-se como *um filho rebelde de uma terra de conformados* (V,

p. 303). As inúmeras injustiças nesse mundo arcaico-ruralista irão sedimentando as bases do combatente social, do escritor engajado e, conseqüentemente, perseguido político. Luta contra a tirania que não toma conhecimento da existência do povo, humilhando-o ao deixá-lo na miséria.

Cedo vê-se diante de duas alternativas: ou ser padre ou ir para o Brasil. Por um lado, embora o povo português seja considerado muito piedoso, a reputação dos representantes da Igreja Católica não é das melhores, e, sobretudo, não se sente muito fortalecido na fé. Por outro lado, sente um medo enorme de viajar de navio. Finalmente, surge a oportunidade de trabalhar para parentes ricos no Porto, onde uma opinião já formada consolida-se: —*Gosto de trabalhar, mas não gosto de ser criado dos outros* (I, p. 40). Posteriormente, a experiência de três anos no Seminário de Lamego não logra aniquilar seu espírito rebelde: *A febre de aprender, juntara-se um sentimento surdo de revolta, e só encontrava sossego a devorar laudas* (I, p. 523). Consciente de que, *sem se dar bem conta disso, perdera a fé* (I, p. 58) e de que jamais poderia cumprir o voto de castidade, decide-se, finalmente, pelo Brasil.

A viagem ao Brasil, mesmo sem o caráter pioneiro bandeirante de desbravador das matas, tem muito de exótico, além de reforçar uma série de clichês. Reif (1989, p. 435-436) destaca aspectos positivos e negativos das viagens dos europeus, no começo do século XX: enquanto a europeização do planeta possa ter levado à destruição ou falsificação de outras culturas, sem essa aproximação, porém, nunca teria surgido a possibilidade de compreender a riqueza e a importância das diferenças. Com base nesse dilema, Reif (1989) caracteriza a fascinação e atração pelo desconhecido, assim como a tentativa de adaptação ao mesmo como *exotismo*, mais fácil de descrever do ponto de vista histórico-cultural através da música, da literatura ou da pintura, oferecendo maiores dificuldades nos esforços de apreensão de suas raízes sócio-psico-econômicas (p. 436). Reif (1989) considera que o exotismo, no que diz respeito à virada do século XX, deve ser visto na sua relação com tendências estéticas e dirigidas à vida interior, tais como a cultura do corpo, proteção da natureza, ocultismo.

O narrador em primeira pessoa em *A Criação do Mundo*, aos 13 anos de idade, não terá pensado em termos abstratos de preencher *déficits de experiência*, ainda que expresse sua necessidade de liberdade e esperança em um futuro melhor. O econômico desempenha um papel decisivo, mas o artista simples e intuitivamente tem o coração aberto para o novo mundo. Na época, não tinha, aparentemente, a maturidade política de ver os lados negativos do colonialismo. Sua conscientização sócio-histórico-política vai sendo burilada, em especial, devido à influência de um professor engajado no “Ginásio Ribeirense” (que protestava contra a atuação do presidente da República, Artur Bernardes) e que permanecerá como modelo de cidadania responsável (II, p. 111).

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

DIETZEL, Vera  
Lúcia. As viagens  
do narrador-perso-  
nagem em  
*A Criação do  
Mundo* de Miguel  
Torga. *Mimesis*,  
Bauru, v. 22, n. 1,  
p. 07-34, 2001.

## Choque e encantamento: como se faz um homem

O desconhecido e o exótico tomam dimensões fantásticas, particularmente no que se refere aos rituais afro-brasileiros e às superstições do povo. Durante os primeiros tempos, rupturas na realidade vão fazê-lo hesitar entre o sobrenatural e as leis da lógica, o que lhe enche de vergonha:

Sentia-me envergonhado, e prometia ser mais corajoso no futuro. Mas, pelo dia adiante voltava a lenga-lenga infernal: era um cabra chamado Geraldino que se transformava em lobisomem; era a Paulina, mula de padre, que comia crianças; era o tal negro da erisipela a saber mais do que todos os médicos juntos; e era, sobretudo, a Inês a receber dentro dela o mundo inteiro falecido. E quando de novo, na cama, me via aflito, fizesse meu tio o que fizesse, acolhia-me à sombra protectora da negra [Joana] (II, p. 72).

Ironicamente é uma intriga da tia que virá a salvá-lo do medo e da vergonha. O tio, ao saber que o menino anda agarrado às saias das criadas, com medo das almas do outro mundo, pergunta-lhe se não era suficientemente homem. Isso desperta os brios do jovem, que considera que o período de adaptação estava acabado: *Já conhecia a força da minha tia, já calculava o que podia esperar de meu tio, e, quanto a espiritismos e assombrações, perguntava a mim próprio como fora capaz de cair na estupidez de semelhantes patéticas* (II, p. 73).

O jovem não perde o orgulho de ser português, recusando-se a assimilar o sotaque brasileiro. A cor dos trópicos, que, sobretudo, a mãe rejeita, desaparece depois de alguns meses em Portugal, rompendo barreiras (III, p. 143).

A culinária brasileira, fortemente influenciada pela africana, também não deixou as melhores lembranças. Engolia, sem pestanejar, a apimentada “sopa preta de pão” para mostrar que era homem, ou, pelo menos, estava firmemente decidido a vir a sê-lo:

Parecia lume de tão apimentada. Queixei-me timidamente de que não conseguia aguentar o ardor na garganta.  
— Coma! — foi a resposta do meu tio. — Deixe de reclamações.  
E eu engoli a mixórdia e as lágrimas que sobre ela caíam, da raiva e da malagueta (II, p. 68).

Em contraposição, a comida portuguesa sempre é elogiada. Uma vez que o único feriado na fazenda era o dia de Natal, a celebração fazia-se bem à maneira lusitana:

Vinham do Rio batatas, bacalhau, azeite, azeitonas, castanhas e nozes [...] Pelo regulamento, tocava-me meia dúzia de castanhas cruas. Nem lhes tirava a camisa. Para o jantar da consoada, minha tia fazia caldo verde. As couves trazi-as o Zé Marques, e a broa cozi-a ela no forno. Ficava uma coisa insossa, mas que sabia bem na lembrança (II, p. 93).

O escritor não tem uma palavra de crítica para a exploração dos trabalhadores de parte do tio. A crítica só ocorre no plano pessoal e sob a desculpa de que um homem tem de dar mostras de sua masculinidade e, além disso, os trópicos só foram feitos para os fortes:

Ser homem! O santo e senha que sempre me dera. [...] Porque ser homem nem era melhorar fazendas e vendê-las, nem arranjar amantes e metê-las em casa, nem alvejar a tiros negros descontentes... Mas, possivelmente, ele próprio saberia isso, e falasse apenas em nome das virtudes reais que também possuía: a vontade inquebrantável, a honradez que todos reconheciam, a simplicidade natural e o dom de permanecer o mesmo, que as visitas fossem bonitas como a Zèzèti ou feias como a Dina (II, p. 109).

O tio, apesar de atitudes moral, política e economicamente condenáveis, consegue o respeito dos empregados, que até choram com a sua partida: *E começou a inundação de lágrimas e o coro de suspiros, provas tangíveis da tristeza sincera dos colonos que se vinham a despedir* (II, p. 118).

O aspecto sexual, no Brasil, surge em correspondência com exotismo e poder, emprestando à narrativa o seu mais elevado teor confessional. O ritual de iniciação sem poesia revela coragem de parte do autobiógrafo de relegar a instinto de macho o ato de encontro físico entre um homem (o próprio narrador e, supostamente autor) e uma mulher. Carlos Carranca (1995) destaca que *o homem torguiano aspira a uma autenticidade que tantas vezes choca o leitor pela rudeza, aproximando-o do bicho, mas singularizando-o na inteireza dos seus atos* (p. 11). Isso se aplica tanto ao jovem na sua iniciação sexual, como à fêmea, que evoca Andorrinha, a vaca a quem ajudara a parir um bezerro. A mulher, objeto do prazer sexual, é generosa em dar-se toda. O narrador insiste no caráter comercial do ato, descrevendo a codícia daquela que, segundo as regras de um jogo imemorial, não merece nem ternura, nem agradecimento. Uma relação no universo dos instintos:

Desde que pudesse apagar de encontro a uma mulher o fogo que me queimava, qualquer mulher servia. Mas estava enganado. Apenas lhe levantei as saias e me encostei a ela, verifiquei que só isso não chegava. Que era preciso atirá-la ao chão, beijar-lhe a boca murcha e desdentada, mordê-la, apertá-la a mim com toda a força, e passar da mornidão áspera das coxas àquele calor doce e macio que sentira nas mãos dentro do corpo da Andorrinha (II, p. 77).

Deixou-me matar a fome à vontade. No fim, tirou-me do bolso quanto dinheiro trazia. Montei a Havana transfigurado. Já sabia o que era aquilo! Já conhecia mulher! (II, p. 82-83).

A vida sexual dos negros é, também, descrita como um grande bacanal animalesco, em especial por volta do grande baile: Casais furtivos e rivais desafiados amavam-se, desfloravam-se e matavam-se nas sombras, bêbados de aguardente, de versos e de cio (II, p. 86). Os brancos endiameirados, por sua vez, preocupam-se em reforçar a imagem de homem de verdade, como indica as observações relativas a Jorge, um jovem co-

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

lega de classe, de 16 anos, filho de um italiano, invejado pelos menos favorecidos pela sorte, amado pelas mulheres: fazia uma vida de homem. Ia às mulheres, apostava no bicho, fumava, tinha espingardas e pistolas, jogava futebol (II, p. 95). O jovem português, quando de sua viagem pela Europa, parece ter perdido o seu sentimento de inferioridade com respeito a Jorge, pois já parece atrair o sexo oposto espontaneamente, como observam seus companheiros de viagem: —Com que então, mais uma conquista?! O senhor é um homem de sorte! Em cada terra, sua... (IV, p. 275). A busca da mulher certa parece encerrar-se com Jeanne. No fim da *via crucis* já não são descritas outras mulheres. Só por consideração à esposa, ou teria realmente superado o temor?

Freire (1990), professor doutor da Companhia de Jesus desde os 18 anos, não se surpreende diante do comportamento de Torga: *No Brasil, entre várias peripécias amorosas, descreve com flagrante realismo aquilo que me parece ser o seu temperamento macho e sensual que o acompanhou pela vida a cabo* (p. 73). [...] *Confessa não ser nenhum santo (e mesmo que o fosse não degenerava da raça a que pertencia e que ele analisa com acribia* (p. 78). Elogia, então, o autor pela sua franqueza (*um dos seus fortes e invencionice não se casa com o seu feitio*, p. 74) e pela moderação no uso de *lubricidade e palavrões* (p. 74). A mulher atraente, prossegue Freire, é aquela com a qual *nunca teve coragem de ir mais além* (p. 75), e, sobretudo *depois de casar [...] não volve a falar de aventuras eróticas. Fala sempre bem da mulher, respeitam reciprocamente a mútua independência [...]* (p. 84). A esposa *coadjuva-o no consultório, arruma-lhe a casa, tem-se promovido culturalmente como docente na Universidade, e é menos pessimista do que Torga* (p. 84). Freire não esquece o papel da mãe *que lhe dera a receita [a Torga] para o bom entendimento conjugal: a condescendência mútua*.<sup>5</sup>

O exotismo na natureza do trópico, ao invés de causar prazer, provoca frustração, pois tudo difere de Portugal: frutas, verduras, árvores, até os pássaros e seus ninhos. Até o belo possui o seu lado traidor, pois cobras podem estar escondidas em todos os cantos:

Inhame, mandioca, quiabo, manga, abacaxi, jacarandá, tucano, araponga... Nada do que aprendera em Agarez servia ali. Nem os ninhos eram iguais. Alguns, suspensos das árvores, pareciam lampiões pendurados. Os pássaros cantavam doutra maneira, os frutos tinham outro gosto, e, onde menos se esperava, havia cobras disfarçadas, enormes, bonitas, sempre de cabeça no ar, à espera (II, p. 69).

Portanto, surpreende que depois de enumerar tantos aspectos negativos, salte um parágrafo, descrevendo aquele Brasil como um deslumbramento, um paraíso que ajudava a suportar as horas infelizes provocadas pelas intrigas da tia:

Era uma terra nova nuns olhos novos. Quando a cancela do terreiro me batia atrás das costas, então é que a vida começava. Os macacos baloiçavam nos cipós, as preguiças dormitavam nas embaúbas, um abacaxi ma-

5 No entanto, seria injusto deixar de mencionar a fêmea rebelde (“rebellious female”) dos contos e sua resistência contra as hierarquias sociais do patriarcado (McNab, 1992, p. 279-288). Enfim, há elementos suficientes para outros enfoques, inclusive dentro dos Gender Studies.

duro enchia o ar de perfume... E aquele pedaço de Minas parecia um recanto do paraíso (II, p. 77).

A contradição acima exposta pode dissolver-se ao lembrar que as sensações positivas ocorrem quando o jovem está sozinho, em íntima comunhão com a natureza. Se, pelo contrário, há outras pessoas, em particular a tia ou o tio, imediatamente vem a saudade de Portugal e a antipatia e desgosto experimentados com relação aos tios estendem-se a tudo e a todos. *A Criação do Mundo* revela que, com o passar dos anos, o poeta tende a guardar do Brasil sobretudo aquilo que foi compensador. Em *O Segundo Dia*, porém, ainda estão registradas as experiências que também podem ser interpretadas como um misto de choque e encantamento, do melhor e do pior que o Brasil “exótico” da primeira metade do século tinha a oferecer aos brasileiros e aos imigrantes (no caso portugueses e uma família italiana).

Sua admiração pelos portugueses no exterior, inclusive pelos asilados políticos em Paris, assim como no referente a alguns intelectuais brasileiros, nem é incondicional, nem absoluta. A admiração pela Itália e sua gente, em contraste, é enorme, o que lhe dificulta a compreensão de como *o povo mais inteligente do mundo* pôde entusiasmar-se pelo Fascismo. Até a paisagem espelha esses sentimentos. O mesmo mar azul, o mesmo céu azul que, no cruzar da fronteira, separa o frio do norte da *quente cordialidade teatral* (IV, p. 251). Essa admiração é fundada não somente na tradição humanista, como também em experiências positivas com uma família italiana no tempo do “Ginásio Ribeirense” (IV, p. 251).

### ***Brazil revisited*, portugueses no exterior e a África traumatizada e traumatizante**

O escritor, por ocasião de um Congresso de Literatura em São Paulo, volta, passados cinqüenta anos, para *o Brasil da meninice* (VI, p. 454). O fato é que só tem palavras elogiosas para a natureza: *O Brasil tatuara-se realmente na minha alma como uma tinta indelével. A longa ausência não lhe desbotara sequer o brilho original* (VI, p. 458). O encontro com as pessoas, no entanto, ainda apresenta algumas dificuldades, sobretudo na pessoa do tio, que não conseguira voltar a viver em Portugal, mas que, longe da terra natal, elogia o ditador: —*Consta-me que você é contra a situação di lá... Faz mal. Salazar é um grande homem* (VI, p. 461). A ditadura do Estado Novo parece ocorrer em outro país, pois o bem-estar econômico parece ser justificativa suficiente para concordar com qualquer forma de governo.

Uma decepção fora o encontro com outros literatos em São Paulo (VI, p. 458), que não podiam aceitar o engajamento do escritor. A arte de Portinari e de escritores brasileiros como Drummond de Andrade e Graciliano Ramos contribuíam para compensar a falta de comunicação e os

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

6 O narrador louva um espírito de igualdade no Brasil, em contraste com a África, que as comemorações oficiais dos 500 anos não conseguiram fazer prevalecer. Darcy Ribeiro, por exemplo, em *Os índios e a civilização* (1970, 1996) expõe no prefácio os esforços da Unesco, entre 1950 e 1952, no sentido de investigar a *democracia racial*, assim como a *alegre assimilação dos povos indígenas*. Pesquisas em São Paulo, Rio e Bahia revelaram resultados desastrosos. Damasceno (1988), por sua vez, depois de discutir a trajetória, características, influência do movimento da Negritude e sua repercussão, procura explicar por que uma estética negra só tenha vindo a se desenvolver no Brasil com o Modernismo. Duas das afirmações da autora sugerem a importância dos Estudos Pós-Coloniais e Multiculturais: 1. *Enquanto a realidade sócio-racial na África permitia que africanos e neo-africanos estudassem na Europa, o negro brasileiro tinha de lutar pela sobrevivência* (p. 35); 2. Os autores negros brasileiros não buscavam assumir sua cor, evitando temas relacionados à raça e à criação de uma poética própria *porque estavam presos aos complexos e estereótipos herdados da Escravidão e imbuídos da ideologia do branqueamento* (p. 37).

aplausos educados. E, em geral, a viagem valera a pena: *Era com essa certeza numa incomensurável pátria futura que queria dizer adeus àque-la terra que agora sentia ainda mais chegada à alma* (VI, p. 462).

Os famosos versos camonianos:

Que alegria não pode ser tamanha  
Que achar gente vizinha em terra estranha.  
(Canto VII, estrofe 27, versos 7-8, 1988, p. 168).

valem para o encontro com outros portugueses no Brasil:

E pude ter com milhares de patrícios em todas as associações lusas a fraterna comunhão que sonhara. Só esses, na verdade, tinham ouvidos para as minhas palavras (VI, p. 459).

Os asilados, vivendo em Paris, longe do *exotismo*, provocam, pelo contrário, uma impressão negativa, na maneira como falam dos franceses: *Egoístas, patrioteiros, arrogantes, avaros, só eles é que prestam... A pior raça que Deus pôs no mundo* (IV, p. 287). O escritor procura relativizar as observações, lembrando que deveriam estar agradecidos por terem sido acolhidos e, inclusive, por lhes terem aberto as portas de suas universidades.

Embora o escritor não tenha aprovado a maneira como os asilados portugueses em Paris se expressavam com relação aos franceses, vem ele mesmo a desabafar que a gente francesa só monologava, parecendo desconhecer o diálogo, ignorando totalmente o interlocutor. Em oposição, o *português não tolerava a opinião alheia e por isso a combatia sempre a ferro e fogo* (IV, p. 248). Aparentemente, um diálogo de surdos, praticado também na África, com conseqüências mais funestas.

A política neo-colonialista salazarista só começou a ser questionada depois da ditadura e mais exatamente por volta da Revolução dos Cravos. O continente africano sempre ocupou o centro das preocupações, considerando, ao que parece, o Brasil um exemplo positivo. Há uma alusão quando o narrador, ao viajar a Luanda anos mais tarde, tem a sensação de estar, outra vez, indo do Rio para a fazenda:

Quando a altas horas da noite descí em *Luanda*, senti repentinamente não sei que abalo íntimo. Voltava outra vez a ser criança e a desembarcar no Rio de Janeiro. O mesmo calor húmido e pegajoso, a mesma convivência de sangues, a mesma pronúncia amestçada... Teríamos realizado ali também um segundo Brasil, enobrecendo o planisfério com mais uma gigantesca e fraterna comunidade multirracial? (VI, p. 484).<sup>6</sup>

Torga denuncia, sobretudo, o roubo do mais precioso para o ser humano: sua liberdade. Como português, não pode esperar nenhum gesto de amizade ou de confiança de parte dos africanos, pois personifica o perigo e o inimigo, provocando o medo e despertando desconfiança: *E experimentava pela primeira vez a sensação penosa de ter medo diante de semelhantes a quem nunca fizera mal e gostaria até de apertar a mão*

*fraternamente* (VI, p. 488). Carranca (1995), ao apresentar uma série de passagens sobre a representação da África portuguesa na obra de Torga, tanto em verso como em prosa, destaca o misto de choque e o encantamento, o melhor e o pior da colonização portuguesa, *o pesadelo da nossa falência civilizadora* (p. 23) que o poeta sentiu quando de sua viagem por Angola e Moçambique. É mister, no entanto, relevar que no *Diário*, XII, registra, aliviado, que nem tudo terminou em desastre, pois há o *milagre do 'pequeno recife'* (Ilha de Moçambique): *Louvado seja Deus Nosso Senhor! Até que enfim posso regressar sossegado, com a viagem justificada em todas as minhas exigências de homem e de Português* (1972, p. 31).

O escritor comprometido, apesar de todos os reveses e provações, mantém sem cessar os olhos e o coração de poeta bem abertos às belezas e tristezas das paisagens.

## CIDADE E CAMPO, LUZ E SOMBRA, FLOR E COR

Sendo os caminhos do Senhor inescrutáveis, o viajante percorre as estradas da vida ao encontro do mais ou menos conhecido, lançando mão de diferentes meios de transporte. A pé perscruta Agarez repetidamente. Em Leiria, o *flâneur*, conhecedor das histórias contadas pelas casas e pelas ruas, evoca Rodrigues Lobo e Eça de Queirós (V, p. 318). O mesmo *flâneur* incansável insiste em descobrir *a outra Itália*, distorcida pelo mal invasor da repressão, do tumor do medo:

[...] Pus-me então a deambular a esmo pela grande cidade, à procura da outra Itália que sabia existir. E fui-a encontrando paulatinamente nas ruas humildes, nos desabaços secretos, na sinceridade de certas horas em que o disfarce é impossível. A paz repousa... E não havia paz em ninguém. Todos tinham medo da própria sombra (IV, p. 253).

O trem (ou comboio) é o meio de transporte mais utilizado em Portugal; o tio rico no Brasil permite o uso do carro e do cavalo. A caminho do novo continente, no começo do século, os imigrantes contam com o navio. Uma melhor situação econômica permite que o reconhecido médico e escritor, mais tarde, chegue a várias partes do mundo de avião.

Os jogos de luz e sombra aparecem nitidamente nas constantes viagens da cidade para o campo e vice-versa. Embora a caça seja uma atividade vital para o escritor, necessita da cidade para sobreviver intelectualmente. Os trinta quilômetros, separando Sendim (onde tem seu consultório médico) de Coimbra são percorridos de trem. Essa ponte, ora plena de luz, ora no túnel, ora na sombra, simboliza a fronteira entre sonho e realidade, entre as atividades do médico e a vida íntima do poeta, marcada pelo ritmo de *Luz e sombra, luz e sombra, luz e sombra...* (III, p. 195).

Em contraste, a fauna e a flora de Portugal sempre surgem em um mar de cores, em descrições chegando às margens da irreverência, uma

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.



DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

atitude tão própria da juventude, mas nem sempre passível de perdão. Assim, em uma ocasião, o amigo Alvarenga, acompanhando o escritor de volta para Coimbra, depois de um fim de semana de excessos, ao admirar extasiado os campos do Mondego cobertos de flores roxas, articula uma metáfora inusitada: —*Parece uma cabritada de Deus* (III, p. 155). O poeta compreende que a violência da imagem não provoque uma recepção altamente positiva de parte de alguns passageiros, mas sabe valorizar o elevado momento de inspiração e segue na mesma vertente retórica: *a verdade é que a toalha de mosto estendida ao sol que nascia lembrava irresistivelmente um grande vômito do Criador após uma bebedeira no céu* (III, p. 155). Alvarenga é a figura responsável pelos poucos momentos de riso na narração, posto que, na maior parte das vezes, o discurso é sério, arrancando, esporadicamente, um sorriso. O pai explicava a tendência do filho para o pessimismo na doença dos poetas: *sabia que desde Camões não havia poetas felizes* (VI, p. 414). Manifestava-se não contra a poesia, mas contra a infelicidade do filho. Mais ou menos feliz, o pobre menino rebelde de Agarez, no entanto, irá se transformando no cidadão do mundo, a quem *nenhum cataclismo cósmico ou social* deixava indiferente (VI, p. 500).

A habilidade de deixar-se invadir pela beleza da paisagem não diminui com o passar dos anos. E nos passeios por Leiria, a capacidade de vibrar diante do belo impressiona e contagia:

De surpresa em surpresa, os olhos quase não queriam acreditar que houvesse na pátria tantos encantos secretos, que pudessem testemunhar semelhante festival de luz e harmonia. Cobertas por um céu escorrido de cetim claro e vestidas de farrapos de cores variegadas, as terras altas, magras e ossudas, iam progressivamente descendo para o mar em brandas e ubérrimas colinas de verdura coalhada, até acabarem rasas e desmaiadas à beira de água ou bruscamente paradas em arribas, numa entrega despi-da à carícia ou à fúria das ondas (V, p. 329).

A exuberância e a personificação sinestésica e erótica dessa natureza plena de cores revela a união total do escritor com o solo pátrio. A arte na Itália, assim como as idílicas montanhas na Suíça, destacam-se como recantos de luz, de cor e de paz. Algumas descrições do Brasil, e sobretudo da Europa às vésperas da Segunda Guerra Mundial, em contraste, surgem sombrias, escuras, quase tenebrosas.

Envolvido em um pandeterminismo, a atmosfera exterior espelha-se no interior sensível do poeta. Essa correspondência com a natureza e o ambiente exemplifica-se no caminho da estação no Rio até a fazenda do tio, em Minas Gerais. A cor negra predomina tanto no céu sem estrelas como na cor das pessoas (*e pretos e pretas a torto e a direito*, II, p. 69), despertando o sentimento de pesadelo vivido, de medo diante do desconhecido, de terror na sensação de solidão e abandono. Uma descrição que nada revela das promessas de luz, de esperança, de prosperidade do início: *E numa segunda-feira, cheia de sol, o Brasil apareceu [...] o Brasil que me ia enriquecer como a toda a gente* (II, p. 65). Ao dia promiss-

sor, segue a desesperança da noite: *A noite, cada vez mais negra, apaga-va na alma toda a esperança* (II, p. 67).

Os jogos de luz e sombra adquirem dimensões mais intensas quando da visita a Roma. A civilização na luz, na claridade da arte italiana contrasta com os negros sentimentos do bárbaro português:

Não queria ninguém a meu lado enquanto via a *Ceia* de Leonardo, admirava Sant' Ambrogio ou seguia as passadas de Stendhal. [...] O mundo que trazia nos sentidos parecia bárbaro, ao lado de tanta sensibilidade, de tanta finura, de tanto requinte. Revelado na pedra, na tela, no bronze ou na simples maneira de ser, tinha diante de mim um universo humano singular, aberto a todas as aventuras e capaz de todas as realizações. Agora sim, ficava a conhecer em que terra e debaixo de que céu morava a imaginação criadora, a subtileza de espírito, a graça de viver.

Mas foi justamente a claridade desta descoberta que acabou por tornar mais negra a minha condição de português (IV, p. 256).

Assim, após discurso laudatório da altamente civilizada Europa, segue o canto plangente da constatação de que a terra nativa nada era em comparação com outros países ricos, mais desenvolvidos.

O negrume da desesperança instala-se não só nas descrições da Europa da guerra e do fascismo, como para todos os lugares, onde o luto e a morte preconizam a tirania da ditadura, seja nas colônias, seja na própria pátria, quando da Revolução dos Cravos: *o sol do futuro colectivo toldado de incertezas. E que não havia miséria maior para uma nação do que ser mãe de uma juventude em pânico, indecisa entre os riscos da obediência e os da revolta* (VI, p. 477). Mesmo quando o 25 de abril permitia redescobrir o gosto de ser cidadão português, quando o vizinho já não era visto como um inimigo potencial, a esperança nada mais era que um relampejar de luz: *Sol de pouca dura. Passado o momento de euforia, a realidade voltou negra e desalentadora* (VI, p. 496). Em 1990, no *Diário*, XVI, expressa com veemência sua profunda decepção com respeito aos políticos:

*Fabricam-se todos os figurantes da farsa no mesmo modo de subserviência, ganância e hipocrisia. A execrável tirania de há pouco tinha ao menos o mérito de ser frontal, culta e respeitar o inconsciente do povo português. Esta de agora é sorna, analfabeta, e agride e ofende diariamente o que de mais profundo e sagrado há em nós* (p. 34).

## GRAND TOUR, GUERRAS, DITADORES E REVOLTAS

A viagem através da Europa marcada pela guerra, pelo fascismo e por ditadores vai ser combinada com uma certa *Grand Tour* em tempos modernos, ou seja, a viagem cultural que os cavalheiros dos séculos XVI e XVII tinham de realizar obrigatoriamente como parte de sua formação histórico-cultural (Ridder-Symoens, 1989, p. 197-223). A viagem podia ter além dos objetivos de formação, negócios ou puro turismo.

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

Também os estudantes da baixa e da média aristocracia passaram a ter, com o tempo, a oportunidade de acompanhar jovens de maiores posses. Os humanistas negavam categoricamente a concepção de que o ser humano adquiria a virtude em razão do seu nascimento. O verdadeiro nobre, o versátil *uomo universale*, o possuidor de virtude e conhecimento, só poderia surgir, em sua abertura, universalidade e cosmopolitismo, como resultado de educação e formação acadêmica. Na época, recomendava-se, em uma primeira etapa, passar vários semestres no próprio país, antes de dar início à viagem de estudos propriamente dita. A *peregrinatio erudita*, a viagem por outros países combinando a sabedoria dos livros ao conhecimento do mundo, substituía a *peregrinatio academica*, o ir de uma universidade à outra (Ridder-Symoens 1989, p. 198). Inclusive aqueles que viriam a ser dirigentes deveriam ampliar seus horizontes através do conhecimento do mundo, da experiência viva.

A viagem toma, para o narrador-personagem, as dimensões de uma fuga, sob a égide de Mallarmé:

*La chair est triste, hélas! et j'ai lu tous les livres.  
Fuir! là-bas fuir!* (IV, p. 222).

O estado de espírito do escritor assim o exigia e, apesar de todos os perigos, toma a decisão de partir: *Mas estava tão infeliz, tão triste, tão amargurado, que não hesitei* (IV, p. 222).

A relação entre Lopes e Castro e o médico pobre é quase uma paródia da *Grand Tour* no concernente à relação *famulus- pauperes* (Ridder-Symoens, 1989, p. 198). Os dois homens de negócio, ironicamente, são descritos como *saciados e deslumbrados [...] sonhavam-se príncipes reais, esquecidos da pátria e da condição. Mas príncipes ainda à moda portuguesa* (IV, p. 249). O poeta tenta em vão transmitir parte de sua erudição aos homens de negócio. Em 1939, o humanismo do comportamento social aberto e das boas maneiras tinha baixa conjuntura. Desde o princípio, a *Gran Tour* vai ser marcada por conflitos nessa caricatura de *hommes du monde*. Acima de tudo, Lopes e Castro não aceitam de forma nenhuma um trabalho literário engajado, por si, perigoso (IV, p. 232). A tensão cresce, pois o escritor não só se nega a parar de fazer anotações, como se recusa a levantar o braço nas saudações a Franco (III, p. 229). Este tipo de cortesia tirana hipócrita podia evitar complicações, mas revoltava o escritor.

O narrador domina vários idiomas, enquanto o francês de Lopes e Castro deixa muito a desejar (IV, p. 243). Além disso, também a flor do lácio é maltratada: *O bambo temperamento lusitano reagia tão mal à violência espanhola, como à serenidade francesa. Em ambos os climas se sentia contrafeito* (IV, p. 243). Não estranha que os homens de negócio, além de não respeitarem a necessidade de circunscrição do trabalho literário, dialoguem ininterruptamente, saltando de um assunto para outro, sem esforços de aprofundamento (IV, p. 244).

As estradas percorridas com o automóvel evidenciam não só o horror espelhado na paisagem e nos poucos seres humanos vislumbrados, como vai aumentando a enorme brecha entre as diferentes visões de mundo do narrador em primeira pessoa e dos gananciosos patrícios no veículo. O microcosmos de contradições representa só uma parcela do terrível macracosmos da falta de comunicação e do abuso de poder.

Logo depois da fronteira portuguesa, depara-se com uma Espanha marcada pela morte e pela imisericórdia da guerra:

Homens da minha idade, manetas, coxos, cegos, desfigurados, inválidos para o resto da vida; velhos, velhas e crianças cobertos de luto; e um palco imenso de terra em pousio e silêncio opressivo à espera do último acto da tragédia (IV, p. 230).

As placas nessas estradas da guerra, dos doentes e da morte, são impressas em caracteres negros e grossos. Os cartazes da máquina franquista de propaganda confundem-se com as indicações toponímicas e de perigo, onde “Torquemada” lembra o terrível passado da Inquisição, que se repete com disfarces e discursos modernizados. É uma paisagem de fragmentos, colagens vertiginosas estampadas na mente plena de medo, que a velocidade do veículo só faz intensificar. Quase paradoxal é a decepção do escritor que não pode parar para visitar pontos turísticos ou históricos. Em uma época onde o tempo já é dinheiro, a reta confirma-se como o caminho mais próximo entre dois pontos e a viagem significa, na realidade, uma fuga longe da morte, em direção à sobrevivência. O medo sufoca a sede de cultura. Fica a sensação amarga de oportunidades de encontros para sempre perdidas.

Castro pretende chegar o mais rápido possível a Varselli para comprar máquinas de trabalhar o arroz. Na Itália, o estilo no volante não muda muito e o itinerário vai deixando atrás San Remo, Milão, Varselli, Florença, Roma, Pádua, Veneza. As estratégias propagandísticas de Mussolini assemelham-se às de Franco, embora este apele ainda mais à força, particularmente militar:

Mussolini, de cara medonha, fitava-nos da parede fronteira. Uma legenda por baixo esclarecia-lhe a fúria:  
*NOI TIRAREMO DIRITTO* (IV, p. 250).

Pouco a pouco, o labirinto dos cartazes acabam pecando pelo excesso e a força de expressão aproxima-se do anêmico e do lixo: *E, quando Milão apareceu, todos nos sentimos aliviados. Muito embora os letreiros arrogantes continuassem a borrar as paredes, perdiam-se no meio doutros, a anunciar produtos comerciais. Eram meros cartazes entre cartazes* (IV, p. 253). Não há como não reconhecer o poder do Duce sobre as massas. Mesmo aqui o escritor permanece um individualista: *O colectivo, em mim, só pensado e transmitido ao papel* (IV, p. 286).

A viagem pela Europa não é somente uma variação moderna da *Grand Tour* e o encontro com seres humanos vitimados e oprimidos pela

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

guerra e pela tirania, como também o encontro do escritor consigo mesmo. Há um enriquecimento em nível de novas experiências, acompanhado de um reforço dos valores pessoais. Mesmo na Europa civilizada, o comportamento com respeito às mulheres é um eco dos dias nos trópicos no sentido da procura do prazer sem criar laços. O compromisso com Alice nada pesa: *ficasse ela a sublimar o seu amor* (122). É difícil captar que motivos levam cada uma das mulheres a procurar a união física efêmera. Atração? Emancipação? Espírito de aventura? Fica no leitor a vaga idéia do *carpe diem* em tempos de guerra. O narrador justifica-se de maneira pouco original: *Era sempre a Eva que eu via em cada uma, com fisionomias diferentes, consoante o dia, a hora e as circunstâncias da tentação* (IV, p. 283). Através da prática de auto-análise, sabe-se que recrimina seu comportamento, sem que veja possibilidades de mudança: *Porque a civilização era isso: o homem laçado na desordenada selva dos instintos, e metido nos varais da razão normativa [...] A única atenuante que talvez pudesse alegar em minha defesa, é que sofria. Sofria como um cão, por ser como era* (V:276).

A fim de atenuar os horrores dessa época, o narrador virá a realizar uma outra viagem pela Europa, livre de *fraquezas heterossexuais*, sem o cenário da *divina comédia do Fascismo*. Acompanhado de Jeanne e de um paciente, que havia curado de sinusite, percorreram durante mês e meio parte do continente *a comer mal e a dormir pior*. Uma vez mais, a luz supera a sombra:

Sem a sombra do Lopes e do Castro a enegrecer os panoramas e a diminuir os monumentos, acolitado por outras sensibilidades e culturas, cada passo que dava era uma descoberta, um encontro ou um aprofundamento (VI, p. 436).

Talvez como expressão de que na vida do poeta a felicidade é muito relativa, essa experiência altamente positiva ocupa duas páginas e não um livro inteiro. Desta vez, ao lado da constatação de ser um *uomo universale* e um *homme du monde*, o sentimento do valor próprio cresceu e os méritos da pátria mãe são encomiados, o que se pode avaliar como uma evolução positiva:

Ao lado de outras, ubérrimas e de horizontes infindos, era menos do que uma parente pobre. Fora nela, contudo, que fortes vontades tinham cavado, semeado e colhido. Fora entrincheiradas nos seus penhascos que rebeldias indomáveis haviam defendido a independência, construindo uma pátria no entendimento e no coração. Nela também teria de me cumprir, a ser ao mesmo tempo cidadão de aquém e de além das fronteiras. E retomei com denodo as duas rabiças a que nascera condenado (VI, p. 437).

Assim, a contínua luta entre obediência e liberdade traduz-se em um penoso processo que vai levar ao encontro do eu e do mundo. O macabro amálgama de crueldade e cultura na vida do escritor demonstra que o homem, apesar de todos os terrores, procura sobreviver e, apesar de to-

das as vicissitudes da história, há valores mais elevados que merecem ser resguardados.

## LIÇÕES DE DESPEDIDA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viajar, como a própria vida, significa refletir constantemente sobre as lições de despedida de pessoas, de paisagens, de coisas em geral:

Em Portugal, a minha vida tinha sido uma contínua despedida das pessoas e das coisas que ia amando. Depois, na fazenda, fora-me de todo impossível conseguir a intimidade de alguém (II, p. 113).

Separações implicam morrer um pouco, e quem sabe se com o tempo vão se tornando mais fáceis, mais suportáveis. A preciosa memória do ser humano vai perdendo em força, o que, sublinhando-se o lado positivo do fenômeno, adquire um papel fundamental nos processos de convalescência, pois só o tempo, com maiores ou menores danos emocionais, pode curar.

Agarez e os pais representam a coluna principal, à qual o escritor pode agarrar-se nos momentos de grandes decepções. Não é à toa que os portugueses sofrem de muita saudade e o narrador não é exceção, mesmo que também lá se diga que um homem não deva chorar. Chama a atenção o fato de que nos dois primeiros volumes as lágrimas rolam com maior frequência e sempre muito sentidas:

Mas apenas o comboio se pôs em andamento, e meu Pai foi ficando cada vez mais longe, lavado em lágrimas na gare, cegaram-me subitamente os olhos e chorei desesperadamente (I, p. 60).

Consolo sempre é emanado de Agarez. Na nostalgia de uma cama fria de hotel, as lembranças das iguarias preparadas pela mãe para as celebrações do Natal vêm aquecer o coração triste:

E teve ainda Agarez que me acudir, já quando, entre os lençóis gelados do Hotel Gambetta, o meu coração se desesperava. Num embalo que só eu ouvia, refez todas as horas perdidas, povoando-as de rabanadas, de bolos de bacalhau, de couves tronchas cozidas e de calor domésticos (IV, p. 248).

É mais fácil deixar que um menino chore ao enfrentar situações difíceis ou diante do desconhecido:

E comecei a chorar de angústia e de medo. Angústia de me ver sozinho no mundo; e medo daquele Brasil assim nocturno, abafado, irreal, com pios medonhos, sem qualquer luz a acenar ao longe (II, p. 67).

— Seu minino, deixe di bobage. Chorar por quê? (I, p. 67).

Sair à procura do desconhecido e de si mesmo requer muita coragem, pois nunca se sabe quais as conseqüências dos encontros e desencontros.

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

Em um balanço, o jovem voltando da dura estada no interior do Brasil revê o Rio de sua chegada com os olhos de um jovem amadurecido, seguro e sem medo. A suposta mudança da paisagem reflete, sobretudo, a mudança interior:

A cidade [Rio], agora, tinha outra realidade. O ingênuo rapazinho que a vira em espanto e desespero à chegada do Arlanza, morrerá. O carro que desta vez me levava vertiginosamente pela Avenida do Mangue, movimentava as coisas mas não as tornava siderais. [...] Crescera por fora e por dentro. Nem a mais leve sombra da confusão de outrora (III, p. 125).

O adulto sente saudades das emoções do menino. A perda da inocência também dói e muito:

Na ida para o Brasil, ficara uma saudade a chorar em cada coisa. Tudo estava em mim, e eu em tudo. O que me desiludira, iludira-me também. E a recordação do berço, que levava no coração, era límpida, bucólica e enternecida. Por que não acontecia o mesmo, desta vez? (III, p. 223).

O menino não sabia o que lhe esperava do outro lado do oceano. O tio tinha regras claras e sua divisa era a de ser um homem de verdade, ou seja, nenhum medo, nenhuma lágrima e nenhuma demonstração de sofrimento ou de afeto. Também os fascistas da Europa às vésperas da Segunda Guerra Mundial tomavam as providências para que se impusesse a ordem, e todos que quisessem sobreviver “só” tinham que se adaptar. Já dentro do carro, com Lopes e Castro, percebeu muito rapidamente que o microcosmos formado iria ser fonte de conflitos e tormentos. Mas, uma vez iniciada a viagem, tornava-se praticamente impossível voltar atrás. E leis não escritas obrigavam o poeta a suportar aquela fatalidade do Destino. Seria o escritor sempre à procura de conseguir material para novos livros? Seria, outra vez, a convicção de que só o sofrimento liberta?

Assim, o racional humanista leva suas atividades literárias cada vez mais a sério, o que lhe custará a reputação de misantropo. Porém, a autoconfiança e o orgulho da juventude vão se perdendo, cimentando *um lícido e animoso desencanto, em tudo oposto à cegueira inconseqüente e opiniosa de outrora* (VI, p. 464). Embora seus pacientes o admirem e jovens o procurem ansiosos por ouvir sua opinião quanto aos seus dotes literários, sente-se menosprezado pelas novas camadas universitárias que já não mais o necessitavam *para as estimular, avalizar com o meu nome a audácia de um panfleto subversivo* (VI, p. 478). A desilusão e a letalidade do sentimento de se sentir inútil.

O mito do poeta romântico, comprometido com o amor eterno, também se desfaz: —*Vou tentar ser um marido cumpridor. Mas quero que saibas, enquanto é tempo, que em todas as circunstâncias te troco por um verso* (VI, p. 409). Um casamento de conveniências, baseado em critérios objetivos? A mulher ao lado do médico e escritor deve ser independente. A belga lusitanófila conhecida durante sua viagem por Portugal, e que

vem a ser professora de literatura portuguesa na Universidade de Lisboa parece preencher os requisitos e – volta a metáfora – de acompanhar o narrador pela sua viagem nesse mundo: *Seria, pois, a meu lado uma companheira de viagem, dona também da sua personalidade e do seu destino* (VI, p. 409). Uma mulher que não trocou por nada, e que vai lhe dar uma filha, reforçando os laços de família, tornando realidade um desejo não claramente expresso do avô, que poderá vê-la antes de morrer:

Semanas antes da morte [do Pai], tinha ido pôr-lhe nos braços a neta — que desejara em vão tantos anos, mas a que, pudicamente, nunca aludira — para que alguma da sua grandeza humana se transmitisse àquele frágil rebento que me nascera tardiamente (VI, p. 472).

A morte do pai e a inevitabilidade da morte, porém, abrem velhas feridas:

Esse sentimento profundo do nada irremediável a que o homem estava condenado, velho em mim, tornou-se obsediante a partir daí, e agravava a visão pessimista do mundo, que sempre tivera, e que a aparência voluntariosa disfarçava. Costumava dizer que era um homem de esperança desaperançado. O que poucos compreendiam. Nem mesmo Jeanne, por natureza optimista, instintiva e mentalmente imune a certas macerações (VI, p. 449).

A morte do pai fez aumentar ainda mais a sensação de estar sozinho, desamparado no mundo: *Já ninguém mais com a sua autoridade me poderia aconselhar, repreender, chamar à razão. A dúvida tornaria agora angustioso cada acto que praticasse. Ficara realmente órfão no mundo* (VI, p. 473). Certamente, há momentos de alegria, como, por exemplo, aquele em que Jeanne, terminada a ditadura de Salazar, consegue um lugar na Universidade. No entanto, o balanço geral é de fracasso, pessimista e imisericordioso:

O remédio era, portanto, continuar, na dorida melancolia de quem sabe que já não pode corrigir os erros cometidos nem cometer outros, e na cruciante certeza de que, quando chegasse o momento da partida, nenhum problema ficaria resolvido. Os permanentes acenos de Deus nunca atendidos, os sonhos maiores nunca plasmados, os sentimentos mais íntimos nunca correspondidos (VI, p. 494).

A cumplicidade com a morte já se estabelecera durante o estudo de medicina, quando faz seu “Pacto com Orfeu” e escreve a “Balada do Morgue” (II, p. 159). A viagem pela Espanha da Guerra Civil fortalece os laços de familiaridade com o mais além. Posteriormente, a prisão cristaliza a sensação de tumba, do passar imperceptível do tempo sem significado, só cheio de vazio. Um vazio que tiranos, magistralmente, sabem produzir e intensificar:

E os dias iam passando na penumbra do curral, iguais no desespero e na determinação. Nomeados a princípio — Sábado, Domingo, Segunda... —, foram pouco a pouco perdendo a singularidade, de tal modo se con-

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.



DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

fundiam uns com os outros na extensão e na monotonia. Tempo amortilhado, sabia que, quando a tampa do sepulcro fosse levantada, nunca mais o poderia encontrar, pois que nem ponteiros nem acidentes o demarcavam ou assinalavam. Se tentasse abrangê-lo na lembrança, sentiria apenas a opressão de um vazio sem margens [...] (VI, p. 477).

O poeta indignado percebe que, depois de viajar e constatar as injustiças por todo o mundo, só lhe resta a arma da literatura. Sem nenhum poder e, mais do que nunca, consciente de sua pequenez, pergunta angustiado quem ouvirá a sua voz (VI, p. 479).

A Igreja só pode dar-lhe forças em determinados momentos. Sente, porém, saudades do Padre Júlio em Minas Gerais (II, p. 113). Bom e admirado não se agarrava a dogmas de céu e inferno, mas, próximo do que hoje seria a Teologia da Libertação, opta pelos excluídos. Sente-se parte da Igreja de seus pais e *do padre Alberto de Sanfins, de quem usara a batina, capaz de tirar o pão da boca para o dar aos pobres* (IV, p. 262). Recordava sua meninice e a pouca agradável experiência durante alvoroços durante uma procissão, que não deixa ninguém ferido, mas mostra o padre Capão, “de pistola em punho, a defender a pele e a meter os mais asanhados na ordem” (p. 20). Com o Vaticano não consegue se identificar: *Aquela Igreja ligada tão visivelmente a valores caducos, comprometida, capitalista, não era a da minha gente* (IV, p. 262). Cheio de pesar, reconhece que um padre, ao contrário do escritor e do médico, podia prometer a vida eterna depois da morte (III, p. 197).

Diante das ruínas de Pompéia, e mais tarde, diante das de Atenas, o pessimismo e o cepticismo parecem aumentar, concretizado na lembrança de uma passagem do Velho Testamento:

Aí é que se patenteava em toda a sua força o cepticismo melancólico do versículo do *Eclesiastes*, que agora não me saía do pensamento:

*Nada há de permanente debaixo do sol...*

Anos mais tarde, em Atenas, teria a mesma sensação penosa de uma eternidade roída pelo bafo dos séculos (VI, p. 436).

Um esperançoso desesperançado que luta fortemente contra o espírito de resignação, tão presente na gente portuguesa.

Um português de Trás-os-Montes, sedento por unir o conhecimento dos livros à experiência do mundo, realiza a sua *peregrinatio erudita*, tomando uma posição engajada diante dos fenômenos de opressão, ditadura, guerra e poder imperantes, enquanto, no plano pessoal, a paisagem portuguesa - não o regime ditatorial - oferece o conforto do conhecido e amado. O exótico remonta a um universo fascinante, onde o medo e a insegurança, em revezamento com a capacidade de deslumbramento, vão fortalecendo o homem e amadurecendo o escritor e o escrever. Contraditórios são os jogos da memória, pois com o passar do tempo parece, por exemplo, evanescer-se o que houve de negativo no Brasil. Por que só na África, com exceção da Ilha de Moçambique, teriam sido desastrosos os efeitos colonizadores?

E o viajar chega ao seu final, embora, em uma aventura, a partida seja mais importante que a chegada! E o enigma da criação não se deixa decifrar. O poeta vive este momento angustiado, no escuro e sob o lema das palavras do Cristo crucificado *Tudo está consumado*. Rebelião ou obediência? A morte era vista pelos antigos como o castigo que os deuses conferem pelo comportamento rebelde do homem. Em comum com Deus, ou melhor, com os deuses, tem o escritor que, pela fama torna-se imortal, outra metáfora bastante conhecida. Sim, a morte virá, mas enquanto não chega, a reflexão sobre o significado do viajar, da criação literária e da vida persistem, de forma ativa e empenhada. Embora para o leitor a vida do escritor, apesar ou por causa das provações de Jó, possa parecer plena de realizações, as conclusões do *eu*-narrador, sem que se esqueça os esparsos grandes, maravilhosos momentos de luz, vêm carregadas de sombra e de trevas, de cepticismo e de pessimismo. Ao *sentimiento trágico de la vida*, acrescenta-se um ponto de interrogação diante da hermeticidade do futuro. Só fica a leve certeza de que um viajante se vai, mas virão outros que, com maior ou menor êxito, tratarão de levar avante a sua criação do mundo: *Sim, a vida ia continuar. Outros dias viriam cheios de sol, de flores e de frutos. Mas não seriam meus* (VI, p. 500).

DIETZEL, Vera Lúcia. Travels of the personal narrator in Miguel Torga's *A Criação do Mundo*. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

## ABSTRACT

*On the basis of A Criação do Mundo by the non-conformist Portuguese writer Miguel Torga, this work attempts to establish relationships among aspects concerning literary creation as well as the biblical and pagan myths involved in the mentioned autobiographical work. Next, parallels to the travel-report genre are made, in particular as far as the Gran Tour and the exotic are concerned. Throughout the book, light-shadow techniques are employed. Light and color predominate in the descriptions of the Brazilian-Portuguese landscapes, whereas shadowing strengthens the oppressive mood experienced under Salazar's dictatorship, the fascist Europe, as well as during the visits to the Portuguese Africa. A supposedly positive colonialism in Brazil contrasts with a mostly negative one in Africa. The overall humanist's balance can be interpreted as a pessimistic and sceptical vision. Lessons on departing, which the human being and the travel are often confronted with, bring the present study to an end.*

**Key-words:** literary creation, autobiographical pact, dictatorship, engaged literature, travelling reports, *Gran Tour*, exotic, Portuguese Colonization, *A Criação do Mundo*, Miguel Torga.

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.

DIETZEL, Vera  
Lúcia. As viagens  
do narrador-perso-  
nagem em  
A Criação do  
Mundo de Miguel  
Torga. *Mimesis*,  
Bauru, v. 22, n. 1,  
p. 07-34, 2001.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- BAKHTIN, Mikhail M. *The Dialogic imagination*. Trad. do russo de Caryl Emerson e Michael Holquist. Austin: University of Texas Press. 1981.
- 2- BRENNER, Peter J. Die Erfahrung der Fremde. Zur Entwicklung einer Wahrnehmungsform in der Geschichte des Reiseberichts. In: \_\_\_\_\_. *Der Reisebericht*. Taschenbuch 2097. Frankfurt a. M.: Suhrkamp. 1989. p. 14-49.
- 3- CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro : Editora Nova Aguilar, 1988. p. 1-264.
- 4- CARRANCA, Carlos. *Miguel Torga e a África Portuguesa*. Lisboa: Ed. Univ. Lusófonas, 1995.
- 5- DAMASCENO, Benedita Gouveia. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 1988.
- 6- FERREIRA, Ana Paula. Canonização e política do gênero: para uma re/leitura da mulher no “Reino Maravilhoso“. In: FAGUNDES, Francisco Cota (org.). “*Sou um Homem de Granito*“ : *Miguel Torga e seu compromisso*. Lisboa: Salamandra, 1992.p. 289-305.
- 7- FREIRE, António. “Presença feminina na obra de Miguel Torga“. In \_\_\_\_\_ *Lendo Miguel Torga*. Porto: Edições Salesianas, 1990. p. 71-92.
- 8- GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. *The Madwoman in the Attic: The Woman and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. New Haven, Conn.: Yale University press, 1978.
- 9- GONÇALVES, Fernão de Magalhães. *Sete meditações sobre Miguel Torga*. Coimbra, 1977.
- 10- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.
- 11- LISBOA, Maria Manuel. Madwomen, Whores and Torga: Desecrating the Canon? *Portuguese Studies*, 7, 1991, p. 170-183.
- 12- LOURENCO, Eduardo. O Portugal de Torga. *Colóquio / Letras*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, p. 5-12.
- 13- McNAB, George. “Resistência à patriarquia: sobre dois contos de Miguel Torga“. In: FAGUNDES, Francisco Cota (org.). “*Sou um Homem de Granito*“: *Miguel Torga e seu compromisso*. Lisboa: Salamandra, 1992. p. 279-288.
- 14- MOREIRO; José María: *Miguel Torga e África*. Lisboa: Universitária Editora, 1996.
- 15- OFFENHAUSSER, Dieter. *Die Erschaffung der Welt*. Miguel Torgas Biographie eines halben Jahrhunderts. *travìa*. Berlin, p. 10-11, 23 Dez 1991.

- 16- ORNELAS, José N. Pacto referencial e ficcionalidade em “O Segundo Dia” de *A Criação do Mundo*. In: FAGUNDES, Francisco Cota (org.). “*Sou um Homem de Granito*”: *Miguel Torga e seu compromisso*. Lisboa: Salamandra, 1992. p. 147-166.
- 17- REIF, Wolfgang. Exotismus im Reisebericht des 20. Jahrhunderts. In: BRENNER; Peter J. (Org.). *Der Reisebericht*. Taschenbuch 2097. Frankfurt a. M.: Suhrkamp.. 1989. p. 434-462.
- 18- RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*. 7.ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1970, 1996.
- 19- RIDDER-SYMOENS, Hilde de. Die Kavalierstour im 16. und 17. Jahrhundert. In: BRENNER; Peter J. (org.) *Der Reisebericht*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp. 1989. p. 197-223.
- 20- ROCHA, Clara Crabbé. *O Espaço Autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra: Almedina, 1977.
- 21- RODRIGUES, Cunha. *Representações da Justiça em Miguel Torga*. Coimbra: Coimbra, 1995.
- 22- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. Geração de “Presença”. In: *História da Literatura Portuguesa*. 15.ed. Porto: Porto Editora, 1989. p. 1079-1089.
- 23- TORGA, Miguel. *A Criação do mundo*. Coimbra: edição do autor, 1991.
- 24- \_\_\_\_\_. *Diário*, XII. Coimbra: edição do autor, 1972.
- 25- \_\_\_\_\_. *Diário*, XVI. Coimbra: edição do autor, 1990.
- 26- \_\_\_\_\_. *Novos Contos da Montanha*. 15.ed. Coimbra: edição do autor, 1952, 1991.

DIETZEL, Vera Lúcia. As viagens do narrador-personagem em *A Criação do Mundo* de Miguel Torga. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 07-34, 2001.